

Antônio Martins Filho, Pai e Mestre

José Murilo de Carvalho Martins

Martins Filho, meu pai, era um amante da poesia! Assim, gostaria de iniciar minha conferência pelo soneto que ele sempre declamava ao concluir seus discursos:

ATO DE CARIDADE

Djalma de Andrade

Que eu faça o bem e de tal modo o faça,
Que ninguém saiba o quanto me custou
- Mãe, espero de ti mais esta graça:
- *Que eu seja bom sem parecer que o sou.*

*Que o pouco que me dê me satisfaça,
E, se do pouco mesmo, algum sobrou,
Que eu leve a migalha onde a desgraça
Inesperadamente penetrou.*

*Que a minha mesa, a mais, tenha um talher
Que será, minha mãe, Senhora nossa,
Para o pobre faminto que vier.*

*Que eu transponha tropeços e embaraços:
Que eu não coma, sozinho, o pão que possa
Ser partido, por mim, em dois pedaços.*

Esse famoso soneto da literatura brasileira mostra muito bem a maneira de pensar e de agir daquele que foi um semeador de universidades no estado do Ceará.

Refletindo sobre sua vida acho que a melhor maneira por ele encontrada para “repartir o pão” foi direcionando sua energia à causa do Ensino, pois ensinar é uma nobre atividade do gênero humano onde um professor procura dividir com seus alunos os conhecimentos adquiridos no decorrer dos anos.

A sua primeira atividade nessa área se fez em Caxias do Maranhão quando foi indicado para gerenciar naquela cidade a loja *A Paulista* da conceituada firma Lundgren & Cia., Ltda. Ele havia estudado na Associação dos Empregados do Comércio do Crato cujo aprendizado foi de grande importância para o seu desenvolvimento intelectual. Assim, muito cedo teve a preocupação de transmitir seus conhecimentos aos empregados da loja que dirigia. Por vários motivos o curso teve uma duração efêmera.

Anos depois foi co-diretor e principal responsável pela implantação de um Ginásio na cidade de Caxias, a qual já contava com uma Escola Normal e dois Grupos Escolares. Após renhida luta o Ginásio Caxiense foi reconhecido pelo Governo Federal no meio da década de trinta. A nova unidade de ensino, com os cursos primário e ginásial, passou a prestar um inestimável serviço à juventude estudiosa que não tinha condições de realizar sua formação educacional fora da decantada terra de Gonçalves Dias.

Vindo para Fortaleza em 1937 Martins Filho não abandonou o magistério. Além da atividade comercial incipiente, foi professor de Economia Política no Liceu do Ceará, o qual gozava, naquela época, de grande prestígio na cidade.

Em 1939 adquiriu a Academia de Comércio Padre Champagnat que foi por ele dirigida, com muito sucesso, por oito anos. O interventor Menezes Pimentel, conhecedor de seu interesse pela causa da Educação, nomeou-o professor interino de Direito Comercial, Marítimo e Aéreo da Faculdade de Direito do Ceará em 1943.

Espírito irrequieto, não se conformou com a interinidade e poucos anos depois fez concurso de livre docência e de catedrático, quando ficou definitivamente selado seu destino ao ensino superior.

Meu pai foi rotariano por 62 anos, onde teve uma grande participação naquele clube de serviço, culminando com a presidência no período de 1946/47. Como presidente lançou sua plataforma administrativa baseada em dois itens principais: a interiorização do movimento rotário e a educação integral dos jovens. Em relação a este último item foram debatidos inúmeros temas sobre problemas educacionais e proferidas palestras por renomados professores e diretores de colégios públicos e particulares. Em decorrência do seu entusiasmo por este importante problema nacional, o período de 1946/47 pode ser designado de o Ano Rotário da Educação.

A visita a Fortaleza do Ministro da Educação, professor Clemente Mariani, em 1947, foi decisiva para o futuro de Martins Filho e o início de sua

batalha por uma Universidade no Ceará. Ao receber uma lista de mais de dez mil alunos pedindo uma universidade para nosso estado o Ministro disse que para temos uma deveríamos lutar por ela. Essa declaração foi a mola propulsora que meu pai precisava para dirigir suas ações em favor da fundação dessa importante instituição de ensino superior entre nós.

Estudou profundamente a história e a estruturação das universidades, visitou as nacionais e as estrangeiras, proferiu conferências sobre o assunto e, em 1949, escreveu o célebre livro intitulado *Uma Universidade para o Ceará*.

O sonho se transformou em realidade no dia 16 de dezembro de 1954, quando o presidente Café Filho assinou a lei que criava a Universidade do Ceará, a qual foi instalada solenemente no dia 25 de junho de 1955. Como uma justa homenagem pelo seu trabalho Martins Filho foi nomeado o primeiro Magnífico Reitor.

Dirigiu a Universidade do Ceará pelo período de 12 anos. Conhecedor da problemática universitária, em pouco tempo conseguiu estruturá-la e colocá-la em um lugar de destaque entre as congêneres do Brasil. Findo o mandato, Martins Filho ficou ligado à UFC, como reitor agregado, até sua morte em 2002.

A experiência adquirida na área do ensino superior foi decisiva para o seu grande desempenho como membro do Conselho Federal de Educação onde contribuiu para formação e reconhecimento de mais de vinte universidades no Brasil. Convocado pelo Governo do Ceará foi fundador e primeiro reitor das Universidades Estadual do Ceará e Regional do Cariri. Devido seu grande trabalho no campo da Educação recebeu o cognome de REITOR DOS REITORES.

Martins Filho foi, acima de tudo, um grande sonhador. “Sonhar é fácil – dizia – Difícil é transformar o sonho em realidade.” Em 1947 ele sonhou com uma Universidade para o Ceará. Com muita coragem, luta e perseverança conseguiu concretizar seu sonho em 1954. Fundar uma Universidade é motivo de muito orgulho para qualquer educador. Todavia, é muito difícil aquilatar a felicidade de um administrador de ter fundado três universidades, as quais foram de fundamental importância para o progresso do estado que o viu nascer. Poderia dizer que ele foi o Homem do Século na área da Educação.

Seu trabalho não ficou limitado somente às áreas técnicas das jovens universidades – necessidades essas tão prementes na época. Procurou também, desde cedo, dar um grande impulso na área cultural criando a Vice-Reitoria de Cultura, fundando as Faculdades de Filosofia, de Letras, de Arquitetura,

as Casas de Cultura Estrangeiras e instalando o Museu de Arte da UFC, a Imprensa Universitária do Ceará e a Concha Acústica. Criou, portanto, as condições básicas necessárias para o desenvolvimento criativo e cultural da população.

A fundação de três universidades, que redundou num grande avanço social do nosso Ceará, tem sido motivo de um incontido orgulho por parte de seus familiares. Porém, tão importante quanto esse trabalho, foram os ensinamentos que recebemos dele no cotidiano de nossas vidas. ensinamentos de PAI e de MESTRE.

Como pai sempre teve a preocupação de transmitir aos filhos a noção da honestidade. Das visões evanescentes do passado lembro que gostava de nos ensinar a parábola do chapéu de palha, onde um vendedor de leite, querendo usufruir maior lucro, decidiu adicionar água ao vasilhame. Esse ato fraudulento deu-lhe um lucro permitindo comprar, em pouco tempo, um novo chapéu de palha. Porém, num dia de festa, o vento irreverente arrancou o chapéu da cabeça do leiteiro e lançou-o na água, o qual foi arrastado pela correnteza. Concluía nos dizendo: “O rio tomara aquilo que lhe pertencia...”

Outro grande ensinamento que foi de fundamental importância para minha maneira de agir ocorreu logo após deixar o comando da UFC. Muitos ex - amigos se posicionaram ostensivamente contra ele o que provocou uma forte reação por parte de seus familiares. Meu primeiro impulso de revolta foi de não assistir, no final do ano, a formatura conjunta de todos alunos na Concha Acústica. Ao tomar conhecimento de minha atitude, aconselhou-me que, como professor, eu deveria comparecer aquele ato obrigatório da comunidade universitária. Ponderou: “Os homens passam, mas as instituições ficam!”

Sua maneira correta e humana de agir sempre serviu de ensinamento para os filhos. Uma sucessão continua de exemplos de vida!

Lembro-me de um episódio perdido no passado em que tive a oportunidade de presenciar, o qual foi por mim relatado no livro *Memória Histórica – Personalidade do POVO*. Tratava-se do caso do Zé, um servente preguiçoso de sua deficitária tipografia Editora Fortaleza, nos difíceis anos da Segunda Guerra Mundial. A contragosto decidiu despedi-lo, mas ao tomar conhecimento de que “não trabalhava porque passava fome”, não só readmitiu o funcionário no serviço como lhe deu um aumento salarial! Era muito típico dele esta atitude e tive a oportunidade de ver casos semelhantes no decorrer de sua vida.

Tenho conjecturado sobre os motivos pelo qual ele, com muita frequência, agia como dizia o poema: *Que eu seja bom sem parecer que o sou*. Encontrei

a resposta desse questionamento nas suas *Memórias, Menoridade*, quando descreveu, com muita precisão, a miséria e a fome reinante no interior do Ceará nos períodos de seca. Aqueles anos difíceis de sua infância, certamente, foram decisivos para formação de sua personalidade!

Não podia deixar de concluir o trabalho sem reafirmar o amor que tinha pela poesia. Ele não se cansava de dizer: *Na cronologia das Belas-Letras a poesia representa o pólen de ouro da vida: a eterna floração das coisas eternamente belas.*

Desde tenra infância que me lembro dele andando de um lado para outro recitando Gregório de Matos:

*Há cousa como ver um Paiaíá
Mui prezado de ser Caramuru
Descendente de sangue de Tatu
Cujó torpe idioma é copé pá.*

Outros poetas de sua preferência eram Augusto dos Anjos, Raul de Leoni, Olavo Bilac, Camões, Castro Alves e os cantadores nordestinos.

Poucos anos antes do seu desaparecimento meu pai assistiu o filme e leu o livro *O carteiro e o poeta*, em que o carteiro Mário ofereceu à sua namorada, como sendo sua, uma poesia de Pablo Neruda. Quando o poeta chileno reclamou que tinha plagiado um poema de sua autoria, o carteiro respondeu:

- A poesia não é de quem escreve, mas de quem usa!

Meu pai identificou-se com Mário: era a resposta que necessitava, pois toda sua vida recitara os poemas de seus autores prediletos como se, verdadeiramente, fossem seus!

Francisco Carvalho, sabedor do amor de Martins Filho pela poesia, em homenagem aos seus 95 anos de idade, compôs o seguinte soneto:

Cedro da Montanha

*O grande homem cresce em linha reta
e nisso imita o cedro da montanha;
sabe que a luz dos astros o acompanha
rumo ao fanal da estrada predileta.*

*Vai além do seu tempo e do seu meio
e muda em pedra a argila transitória;
semeia idéias e recria a História,
ligando seu destino ao sonho alheio.*

*Altivo se não perde ou se não ganha,
o grande homem é o cedro da montanha
que se esgalha no céu, gloriosamente,*

*num fervor de incessante primavera.
O forte Chefe, já Camões dissera,
é aquele que faz forte a fraca gente.*

O festejado poeta cearense com inigualável inspiração conseguiu resumir em quatorze versos a estatura de Antônio Martins Filho, meu pai e mestre.